



VELIS, NOLIS, INVIDIA: O DESENTENDIMENTO ENTRE LOPE DE VEGA E CERVANTES

VELIS, NOLIS, INVIDIA: THE DISPUTE BETWEEN LOPE DE VEGA AND CERVANTES

Ruben Daniel Méndez Castiglioni*

Pós-Doutor em Linguística e Letras/Universitat de les Illes Balears

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: rdcastiglioni@gmail.com

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Estefanía Bernabé Sánchez

Mestra em Estudos Medievais Hispânicos

Professora do Instituto Cervantes de Porto Alegre

E-mail: e.bernabe@hotmail.com

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

*Endereço: Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Av. Bento Gonçalves, 9500, Agronomia, CEP: 91501-970, Caixa-postal: 15002, Porto Alegre/RS, Brasil.

Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 10/02/2013. Última versão recebida em 01/03/2013. Aprovado em 02/03/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Dedicamos este artigo à análise do desencontro literário e vital de dois grandes nomes das letras espanholas, Miguel de Cervantes e Lope de Vega. Suas opiniões divergentes sobre a natureza da literatura e sobre a própria vida refletiram em algumas das suas obras, nas quais não hesitaram em trocar desde críticas encobertas até menções desabonadoras diretas. Se Cervantes manteve sempre um tom de crítica discreta, mesmo que ácida, Lope não duvidou em recorrer ao insulto e ao descrédito quando se sentiu atacado pelo autor do *Quixote*. De nossa parte, tentaremos penetrar na literatura de ambos para desvelar algumas dessas desavenças, que põem em evidência a dimensão mais humana destes dos grandes gênios do *Século de Ouro* espanhol.

Palavras-chave: Cervantes; Lope de Vega; disputa; *Quixote*; *Século de Ouro*.

ABSTRACT

We dedicate this article to analyze the vital and literary dispute of two of the most relevant names of the Spanish letters, Miguel de Cervantes and Lope de Vega. Their divergent opinions about literature's nature and about life itself were reflected on some of their works, in which they do not doubt to exchange from covered critics to direct discredited mentions. If Cervantes always kept a discreet critical tone, though acid and sharp, Lope didn't doubt on appealing to insult and discredit when feeling threatened by the author of *Don Quijote*. From our part, we will try to pierce in their literature to reveal, when possible, some of these squabbles, revealing the human dimension of these two enormous geniuses of the Spanish *Golden Age*.

Key words: Cervantes; Lope de Vega; dispute; *Don Quijote*; *Golden Age*.

INTRODUÇÃO

O “desocupado” ou despreocupado leitor que interpreta o *Quixote* num primeiro nível, sem se internar em detalhes além da escritura, não suspeita que por trás desse livro bem-humorado haja uma enorme polêmica que fez balançar os alicerces literários do momento mais relevante na produção criativa das letras hispânicas. É difícil acreditar que dois grandes gênios se deixassem levar por humanas paixões para se desentender em vida com a mesma facilidade com a que criavam maravilhosas tramas para as obras que nos legaram. Essa dimensão humana é a que nos ocupa com a análise da relação pessoal e literária de dois dos maiores autores hispânicos de todos os tempos, Miguel de Cervantes (Alcalá, 1547), o insigne autor do *Quixote*, e Lope de Vega (Madri, 1562), conhecido como *El Fénix*, o prolífico autor de teatro do *Século de Ouro* espanhol.

Flagrante é a aversão que, sobretudo, sabemos, Lope sentia pelo autor do *Quixote*¹, à luz do que deixou escrito. Cervantes, com quinze anos a mais e um talante menos iracundo, sempre demonstrou maior temperança na exteriorização dos afetos e desafetos pessoais, curtido sem dúvida pelas vicissitudes de uma vida bem mais complicada que a do Fénix². Porém, e mesmo sutilmente, não perdeu a oportunidade de censurar – quando possível – um Lope endeusado pelo público e pelo sucesso fulgurante.

Para regozijo do seu ego, Lope de Vega atingiu cedo um reconhecimento e fama sem comparação com suas peças teatrais que movimentavam as massas de maneira devota. Mas a notoriedade borbulhante do *Quixote* e do seu autor o perturbaram seriamente.

Por outro lado, e apesar do êxito instantâneo do *Quixote*, sabe-se que a espinha no coração de Cervantes foi não ter triunfado em cena com o seu teatro, “la gracia que no quiso darme el cielo”, como ele mesmo afirma no *Viaje al Parnaso* (I, 27). Com duas personalidades bem diferentes, o afiado estilo cervantino e o ego lopesco *in crescendo* com o sucesso, a disputa estava servida.

¹ Só em 1630 Lope reconhecerá em Cervantes uma capacidade poética (não narrativa), no seu *Laurel de Apolo*. Convém apreciar, porém, a dívida à prosa cervantina nas quatro peças que compõem as suas *Novelas a Marcia Leonarda* (1621-24), caudatárias das *Novelas Exemplares*.

² Lope teve vários desentendimentos literários ao longo de sua vida. Especial menção merece a publicação da *Spongia*, de Pedro de Torres Rámila, uma dura crítica à obra lopesca contestada por ele e outros intelectuais da época com a *Expostulatio Spongiae*. Também de importância foram as polêmicas mantidas com Diego de Colmenares ou Luis de Góngora. Para um maior aprofundamento no tema, pode ser consultada a excelente tese doutoral de Xavier Tubau, “Lope de Vega y las polémicas literarias de su época: Pedro de Torres Rámila y Diego de Colmenares”, editada pela Universidade de Barcelona em 2008. A tese pode ser consultada em: <http://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/4889/xtmlde1.pdf>.

O INÍCIO DAS DESAVENÇAS

Antes de surgirem as discrepâncias por meio da pena e da tinta, sabe-se que Cervantes e Lope foram amigos. Em 1583 se conheceram na casa madrilenha de um importante empresário teatral da época, Jerónimo Velázquez, cuja filha, Elena Osorio, era já amante e musa de Lope (a *Filis* dos seus versos, o seu primeiro amor)³. Cervantes costumava passar por ali esperançado com a ideia de que Velázquez tivesse por bem encenar alguma de suas peças. Foi lá que os dois gênios se apertaram as mãos por primeira vez, e parece que com sincero prazer. Fruto dessa amizade, em 1585, Cervantes decide elogiar o jovem Lope na sua *Galatea* (Livro VI), por boca da musa Caliope⁴. E faz o mesmo em 1593 nas preliminares da *Dragonetea* de Lope, com um soneto laudatório (*Yace en la parte que es mejor España*), retornado positivamente por Lope na sua *Arcadia* (1598) na passagem de *La viuda valenciana*.

Até aqui, nada parecia pressagiar a inimizade de quase uma vida inteira.

Será precisamente em *La Arcadia* onde aparecerá por vez primeira, e de maneira muito mais evidente em *El peregrino en su patria*, em 1604, um motivo que desvenda a enorme vaidade de Lope e o seu caráter megalomaniaco, que o fará objeto tanto de chacotas como de antipatias. Trata-se de um *brasão* familiar inventado pelo próprio Lope para maior glória da sua linhagem, no qual aparecem reproduzidas as dezenove torres de Bernardo del Carpio (herói legendário da reconquista espanhola), com a figura alegórica da Inveja junto a uma frase em latim, *Velis, nolis, Invidia. Aut unicus aut peregrinus*: Queiras ou não queiras, Inveja, [aqui estaria o brasão, ou seja, o próprio Lope, portanto, transcrevemos “Lope é”] ou o *único* ou o *inalcançável* (por peregrino em constante movimento)⁵.

Toda uma declaração de intenções.

Vamos analisar as possíveis alusões cervantinas a esse fato, aclarando que poucos autores da época deixaram passar a oportunidade de ironizar acerca de tal mostra de vaidade gratuita do Fénix⁶, e muito menos o caráter mordaz de Cervantes. Mas quando Lope publica *El*

³ Elena Osorio era casada com o ator Cristóbal Calderón. Os amores conturbados de Lope e Elena serão motivo do desterro do autor em 1588, obrigado a deixar Madri por oito anos.

⁴ “Muestra un ingenio la experiencia / que en años verdes y en edad temprana / haze su habitacion ansi la sciencia / como en la edad madura, antigua y cana. / No entraré con alguno en competencia / que contradiga vna verdad tan llana / y mas si a caso a sus oydos llega / que lo digo por vos, Lope de Vega”.

⁵ A tradução é nossa. Agradecemos o parecer do Dr. Javier del Hoyo, catedrático de Filologia Latina da Universidade Autônoma de Madri.

⁶ Inspirará, por exemplo, o famoso e irônico soneto de Luis de Góngora (do qual reproduzimos o primeiro quarteto): “Por tu vida, Lopillo, que me borres / las diez y nueve torres del escudo, / porque, aunque todas son de viento, dudo / que tengas viento para tantas

peregrino en su patria, o corpo textual do *Quixote* (sem as preliminares nem o Prólogo) estava já escrito, e sabemos que Lope o teria lido um tempo antes de sua publicação oficial graças às versões clandestinas que circulavam por Madri desde 1603⁷.

Eis aqui o começo real das desavenças.

No corpo do *Quixote*, Cervantes faz uma crítica ao teatro da época e aos preceitos literários imperantes, sem apontar diretamente ao Fénix. Mas é evidente que Lope se sente aludido em várias passagens do livro, no qual acredita ver uma insultante apreciação de suas formas literárias e de composição, especialmente do seu *Arte Nuevo de hacer comedias*, que Cervantes poderia ter lido na época também *ad vivum*, ou seja, manuscrito (foi publicado só em 1609)⁸.

No capítulo XLVIII da primeira parte do *Quixote*, Cervantes expõe seu sentir dramático por meio de uma conversa entre os personagens sobre as artes literárias e seus preceitos, os livros de cavalarias e as comédias da época, que pode ser o primeiro motivo da crispação do Fénix. Diz o “canónigo”, o Cónego⁹,

Estas [comédias de hoje], todas ou a maioria são conhecidos absurdos e coisas que não têm pé nem cabeça e, com tudo isso, o povo as ouve com gosto e as têm e as aprova como boas, estando tão longe de ser; e os autores que as apresentam dizem que assim tem de ser, porque assim as quer o povo, e não de outra maneira (CERVANTES, 1999, p.345).

torres”. Muito mais sutil e compreensivo será Quevedo, quem compõe um soneto para as preliminares de *El peregrino en su patria* aludindo também ao celeberrimo brasão (reproduzimos o último quarteto): “La Embidia su verdugo y su tormento / haze del nombre que cantando cobras, / y con tu gloria su martyrio crece. / Más yo disculpo tal atreuimiento, / si con lo que ella muerde de tus obras, / la boca, la lengua y dientes enriquece”.

⁷ A circulação de obras manuscritas, ou *livros de mão*, foi comum nos séculos XVI e XVII. Uma aproximação a esse fenômeno pode ser feita por meio do excelente estudo de BOUZA, Fernando: *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madri: Marcial Pons, 2001. A primeira parte do *Quixote* (cap. XXXIII) nos dá um exemplo de literatura desse tipo, no episódio da *Novela del Curioso Impertinente*, “papeles [...] escritos de buena letra”, diz Cervantes, que o padre quer mandar “trasladar” (copiar). Uma evidência da circulação manuscrita do *Quixote* está em *La pícaro Justina* (obra impressa a finais de 1604), que já fala do Quixote como personagem literário conhecido e estabelece um paralelismo entre ele e outros personagens relevantes da literatura espanhola anterior, como a Celestina, Guzmán de Alfarache ou Lázaro de Tormes: “Soy la rein- de Picardí- / más que la Rud- conoci- / más famo- que doña Oli- / que Don Quijo- y Lazari- / que Alfarach- y Celesti-“. (em SEVILLA, Florencio: *La novela picaresca española*. Madri: Castalia, 2001, pp. 523).

⁸ Para examinar as referências precisas entre a primeira parte do *Quixote* e o *Arte Nuevo* e entender as possibilidades de leitura precoce de Cervantes é imprescindível consultar o extenso e documentado artigo de Martín Jiménez que elencamos nas referencias bibliográficas.

⁹ Verificando as versões feitas do *Quixote* ao português no Brasil até 2012, optamos pela nossa tradução.

Isto é uma alusão direta ao Prólogo de *El peregrino en su patria* (1604). E prossegue, no mesmo capítulo,

Alguns [poetas] deles sabem muito bem no que erram, e sabem extremamente bem o que devem fazer; mas, como as comédias se fizeram mercadoria à venda, dizem, e dizem a verdade, que os representantes não as comprariam se não fossem daquele jaez; e assim, o poeta procura acomodar-se com o que o representante, que vai pagar por sua obra, lhe pede. E como prova de que isso é verdade, pode-se ver em muitas e infinitas comédias que compôs um felicíssimo engenho destes reinos com tanta gala, com tanto donaire, com tão elegante verso, com tão boas razões, com tão graves sentenças, e, finalmente, tão cheias de elocução e alteza de estilo, das que está cheio o mundo da sua fama; e por querer se ajeitar ao gosto dos representantes, não chegaram todas, como chegarão algumas ao ponto de perfeição que requerem (CERVANTES, 1999, p. 345).

De sobra era sabido na época que Lope escrevia “por dinheiro”, como ele mesmo afirmou em várias ocasiões. Também eram notórias as debilidades de amor do Fénix, o qual teve quinze filhos entre bastardos e legítimos, tendo que se encarregar da manutenção deles, de suas mães e de uma quantidade indefinida de amantes, inclusive depois de ser ordenado sacerdote, fato que explicava sua pretensão econômica. Mas, se a intenção de Cervantes aqui foi atacar o Fénix, com certeza não é por tal motivo, e sim por sobrepor os interesses comerciais aos artísticos e acomodar suas obras ao gosto de quem as patrocina.

Era óbvio que a leitura clandestina dessas e de outras passagens do *Quixote* provocou a fúria de Lope, que acreditou entrever uma censura a ele destinada e marcou definitivamente o desentendimento entre os dois.

A ESSÊNCIA DA MÁGOA

Assim, em 1604 Lope estava incomodado por essa leitura precoce do corpo do *Quixote* e, achando ser o alvo da crítica cervantina, põe fim à cordialidade entre os literatos. Lope é categórico em uma carta enviada ao Duque de Sessa¹⁰, de quem era secretário, ao assegurar que não existia nenhum poeta “tão ruim como Cervantes nem tão néscio que louve a Dom Quixote”¹¹. Enroutado pelo seu círculo intelectual mais íntimo e claramente ofendido, o Fénix empreende uma cruzada contra Cervantes, impedindo-o de encontrar literatos dispostos a compor as preliminares do *Quixote* para sua edição impressa. Se Cervantes havia certamente

¹⁰ O Duque de Sessa foi o próprio difusor desta epístola e de outra correspondência mantida com Lope.

¹¹ Martín Jiménez, 2006, p. 278.

dado umas risadas por conta dos ares de grandeza de Lope e suas quimeras nobiliárias – e por mais que a crítica literária do *Quixote* tivesse algum que outro dardo envenenado para o Fénix –, ele não ficará impassível a um ataque tão direto quanto negativo por parte de Lope, como se verá.

De qualquer maneira, esse fato é decisivo para a história da literatura: o jogo metaliterário estava inaugurado. Os personagens fictícios que vão dar início ao *Quixote* nem sequer chegam perto da coleção de poetas laureados e de nobres damas e cavalheiros, de príncipes, que serviram de erudito intróito a *La hermosura de Angélica* (1602) ou *El peregrino en su patria* (1604)¹². Cervantes recorre à sábia maga Urganda, a desconhecida, Amadís de Gaula, Orlando o furioso, Belianís de Grecia ou o Cavalheiro do Febo, entre outros, para compor esse material laudatório inicial, e lhes confere a honra de abrir esse novíssimo marco cultural e literário.

Encontramos claramente uma censura a Lope nas décimas de cabo truncado¹³ compostas pela sábia maga Urganda, nas quais diz que quando tudo é *figura* (presença, portada, *brasão* – lembremos do célebre brasão de Lope), a obra em si pouco vale. Além disso, outra alusão notória de Cervantes ao tal brasão está nos últimos versos do soneto que Amadís de Gaula dedica a *Dom Quixote*, também no início da primeira parte: “Terás claro renome de valente”, diz Amadís para o herói, “Tua pátria será de todas a primeira; / Teu sábio autor, ao mundo, único e só”.

Cervantes se define como autor “único e só”, em contraste ao “único e inalcançável”, como Lope de Vega havia se definido antes. No entanto, a sutileza de Cervantes e sua fantasia ilimitada aparecem aos nossos olhos como o melhor antídoto contra a importância que Lope se adjudica. A parte mais obscura dessa rivalidade, contudo, estava por chegar.

A DISPUTA

Ainda em 1604 começa a circular pela Corte um soneto anônimo e mal-intencionado dedicado à obra de Lope e atribuído por alguns a Luis de Góngora e por outros – como Lope – a Cervantes¹⁴.

¹² Cujas existência real e/ou autoria, em muitos casos, tem sido suspeita, por certo, e atribuída ao próprio Lope.

¹³ *Quixote*, I parte, Preliminares, 25: “No indiscretos hieroglí- / estampes en el escu- / que, cuando es todo figu- / com ruines puntos se envi-“.

¹⁴ “Hermano Lope, bórrame el sone- / de versos de Ariosto y Garcila- / y la Biblia no tomes en la ma- / pues nunca de la Biblia dice le- / También me borrarás la Dragonte- / y un librito que llaman del Arca- / con todo el comediaje y epita- / y por ser mora quemarás la Angé- / Sabe Dios mi intención con San Isi- / mas quiérole dejar por lo devo- / bórrame en su lugar El Peregi- / y en cuatro lenguas no

Mesmo sendo composto em versos de cabo truncado¹⁵, como os da maga Urganda do *Quixote*, o fato de ser cervantino parece pouco provável, se levar em conta que Cervantes não duvida em expor seu pensamento publicamente (talvez com maior ou menor grau de ironia, mas não de forma encoberta). Conhecendo a personalidade de Lope, é provável que ele se enfurecesse com tamanha agressão (dessa vez direta) a sua obra – e ao seu ego. A violenta resposta é uma encolerizada diatribe lopesca. O soneto que serve de réplica está composto também em versos de cabo truncado, perdida qualquer sutileza e de maneira absolutamente obscena, insultando duramente a quem ele presume autor da afronta, com alusões tanto à virilidade como à deficiência física de Cervantes¹⁶. Com certeza, uma mácula no currículo de Lope, que Cervantes recebeu com amargura. Na *Adjunta al Parnaso* (1614), ele comenta o fato com sua característica de jocosa ironia, mas também com certos matizes de tristeza, conforme tradução dos autores,

Estando eu em Valladolid, levaram-me uma carta a minha casa, com um real de porte¹⁷. Foi recebida e pago o porte por uma sobrinha minha, quem dera ela nunca tivesse pago, mas deu-me a desculpa que por muitas vezes havia me ouvido dizer que em três coisas era bem gasto o dinheiro: em dar esmola, em pagar ao bom médico e o porte das cartas, sejam ora de amigos ou de inimigos; que as dos amigos avisam, e das dos inimigos pode-se tomar algum indício de seus pensamentos. Deram-me a carta e vinha nela um soneto ruim, desmaiado, sem garbo nem agudeza, falando mal de Dom Quixote; e do que lamentei foi do real, dispus desde então, não tomar carta com pagamento do porte (CERVANTES, *Adjunta al Parnaso*. Disponível em Cervantes.tamu.edu.).

Realmente, a pior falha de Lope foi não saber calcular a dimensão do gênio cervantino e minimizá-lo ao extremo: a única coisa com a que o Fénix não contava era com o magistral e transcendente entendimento do maior autor hispânico de todos os tempos, sustentado por uma imaginação transbordante e por uma vida curtida em vicissitudes que foram marcando sua personalidade e atribuindo-lhe um caráter criativo sem comparação, sempre amparado pela sutileza e pela modéstia. Porém, não podemos deixar de acreditar que Lope intuía o futuro

me escribas co- / que supuesto que escribas boberí- / las vendrán a entender cuatro nació- / ni acabes de escribir la Jerusa- / Bástale a la cuitada su traba”.

¹⁵ Os versos de cabo truncado, ou sem a sílaba final, foram usuais nas composições satíricas da época, normalmente anônimas.

¹⁶ “Pues nunca de la Biblia digo le- / ni sé si eres, Cervantes, co ni cu- / sólo digo que es Lope Apolo y tú / frisón de su carroza y puerco en pie. / Para que no escribieses, orden fue / del Cielo que mancases en Corfú / hablaste, buey, pero dixiste mu. / Oh mala qui jotada que te dé / Honra a Lope, potrilla, o guay de ti / que es el sol, y si se enoja, lloverá; / y ese tu Don Quijote baladí / de culo en culo por el mundo va / vendiendo especias y azafrán romí, / y, al fin, en muladares parará”.

¹⁷ A ser pago pelo destinatário.

glorioso do nome de Cervantes, e eis aqui onde se esconde boa parte de sua aversão. Por outro lado, o autor do *Quixote*, magoado pelos pungentes dardos do antes amigo, também não deixou de lhe mandar pulhas cada vez que via ocasião, ainda que sutilmente.

Nas preliminares do *Quixote*, assim como no Prólogo¹⁸ à primeira parte, aflora uma boa parte dessa rixa. □□□Diante da incapacidade de achar *grandes* nomes que lhe dedicassem umas letras a modo de introito para seu livro (lembra-se o envolvimento do próprio Lope no episódio)¹⁹, Cervantes decide compor uma abertura textual que marcará a história da literatura para sempre. Já se mencionou o fato dos poemas preliminares constituírem uma inovadora declaração de intenções dirigida à grande maioria dos doutos intelectuais da época, posicionados claramente do lado do Fênix. Realmente, começava aqui uma revolução artística e literária sem igual.

O magnífico Prólogo cervantino à primeira parte do *Quixote* é o canal escolhido para uma ação direta contra o Fênix,

[...] ao fim de tantos anos como os que tenho dormido no silêncio do esquecimento, saio agora, com todos meus anos nas costas, com uma lenda seca como um esparto, alheia de invenção, minguada de estilo, pobre de conceitos e carente de erudição e doutrina, sem anotações nas margens e no fim do livro, como vejo que estão os outros livros, mesmo que sejam fabulosos e profanos, tão cheios de sentenças de Aristóteles, de Platão e de toda a caterva de filósofos, que encantam aos leitores e consideram os seus autores homens de leituras, eruditos e eloquentes (CERVANTES, 1999, p. 28).

Parece óbvia a alusão tanto ao *Isidro* (1599), de Lope (em especial a última parte, na qual se explicitam por ordem alfabética os livros e autores citados na obra), como a *El peregrino en su patria*, em que o Fênix, como é sabido, realmente exagera com as sentenças ilustres, com as citações -muitas delas em Latim- de Sêneca, Cícero, Catão, Aristóteles, Demóstenes, Salustio ou Platão, entre outros, tomadas da célebre obra de Ravisio Téxtor, a *Officina* (1503), um dos repertórios enciclopédicos renascentistas mais difundidos, e

¹⁸ A importância dos prólogos prévios às obras literárias foi enorme durante a Antiguidade e o Medievo, pois neles se assentavam as bases dos diferentes níveis de leituras e das intenções morais, didáticas, religiosas, entre outros, das obras. Na literatura hispânica temos excelentes exemplos de proêmios medievais no *Libro de Buen Amor*, *La Celestina*, *Rimado de Palacio* ou *El Conde Lucanor*, etc. Lembremos que Cervantes, no Prólogo ao *Quixote*, afirma que teve maior dificuldade em escrever “esta prefación” (ou prólogo) que o resto da obra, sem dúvida pela responsabilidade que isso implicava à luz da tradição.

¹⁹ Vale dizer que o *Quixote* já circulava manuscrito desde 1603-1604. É fato que, após a leitura, Lope e o seu círculo “boicotam” o livro, impedindo a composição do material laudatório preliminar para a edição impressa.

conhecido livro de cabeceira de Lope. A última frase de Cervantes reproduzida acima pode ter a ver com uma das pérolas de Lope no Prólogo ao *Peregrino*, quando adverte aos admiradores estrangeiros que a arte do teatro na Espanha tem suas próprias regras, para que não o julguem mal por não seguir os preceitos clássicos. Então, não é a falta de saber que faz com que ele despreze os preceitos, mas sim as demandas de um público pouco instruído²⁰. Isso vai supor um menoscabo na *captatio benevolentiae* entre autor (obra) e público loresco, que Cervantes saberá aproveitar a seu favor no *Quixote*, atribuindo-se uma aparente falta de erudição, tanto para divertir-se às custas do adversário como para obter assim a benevolência do público/leitor e conseguir sua cumplicidade.

Vale a pena fazer uma incursão mais detalhada no Prólogo pela característica significativa de muitas de suas passagens. A respeito das longas listas de autores e obras clássicas que serviram a Lope de apoio criativo, Cervantes escreve,

De tudo isso vai carecer meu livro, porque nem tenho o que anotar nele na margem, nem comentar no final, nem mesmo sei que autores sigo nele, para pô-los no começo, como fazem todos, pelas letras do alfabeto, começando por Aristóteles e terminando em Xenofonte e em Zoilo ou Zeuxis, apesar de que um foi maledicente e o outro pintor (CERVANTES, 1999, p.28).

Para os leitores da época com certa instrução, essa última frase cervantina devia resultar hilária. Xenofonte, filósofo grego, teve uma conturbada relação com Platão movido pela inveja, na procura do afeto do maestro comum, Sócrates. O também filósofo grego Zoilo passou à história por ter sido capaz de criticar severamente os textos de Homero, chegando a ser apelidado de Ὅμηρομάστιξ, *Homeromastix*, isto é, o açoite de Homero. Por antonomásia, Zoilo é o maldicente, que não soube medir a dimensão do grandíssimo autor grego e questionou sua arte baseando-se nos detalhes mínimos que a História depois nunca considerou.

O paralelismo aqui entre a relação Lope de Vega/Cervantes é mais do que evidente, como bem se explicitava acima. Lope não deixa de ser o Xenofonte invejoso, o Zoilo que não

²⁰ Lope retoma essa ideia em 1609, no seu *Arte nuevo de hacer comedias*: “Y quando he de escribir una comedia encierro los preceptos con seis llaves porque, como la paga el vulgo, es justo hablarle en necio para darle gusto”. Ou seja, deixa de lado os princípios clássicos para adaptar os textos ao gosto da época; não por carecer dos conhecimentos e sim para agradar ao público que “paga” para ir aos teatros (não passemos por alto o fato de chamar a esse seu público de “necio”, néscio). Segundo Lope, as regras clássicas não encaixam no sentir popular espanhol porque reprimem as ações dos personagens e o povo demanda outra coisa. Acreditamos que Cervantes concordaria sem dúvida com essa não submissão a fêrulas literárias, mas não com a imprecação aos espectadores. Ele mesmo, então, irá tratar-se como “necio” no prólogo ao *Quixote*, com certeza criando a antítese perfeita dos doutos literatos da época.

sabe perceber a pedra fundamental que o cervantismo suportará. Cervantes, como sempre, adiantado observador da realidade.

Zeuxis, por outro lado, foi um pintor grego do século V a.C. Famosa é a anedota reproduzida por Plínio, o Velho, na sua *Historia Natural*, da disputa entre o soberbo Zeuxis e Parrasius. Ambos os pintores acordaram fazer um quadro o mais realista possível para determinar quem era melhor artista. Quando Zeuxis mostrou sua vívida imagem de uvas, os pássaros acudiram para bicá-las achando que fossem reais. Confiante da vitória, Zeuxis pediu que Parrasius abrisse a cortinha do seu quadro, ao que Parrasius respondeu que a cortinha era – de fato – o próprio quadro²¹. Zeuxis é o presunçoso que não percebe a realidade como ela é. Se ele enganou os pássaros, Parrasius enganou a ele.

Tanto Zoilo quanto Zeuxis estão incluídos na *Officina* de Téxtor e aludem diretamente às fontes mediatas de Lope de Vega, de maneira que é preciso uma leitura contemporânea de segundo nível para ter acesso ao verdadeiro objetivo do autor, que era *puxar as orelhas* do Fénix (muito mais óbvio para o leitor contemporâneo do *Quixote*, com certeza) e rir dessas descabeladas e ingentes listas de nomes eruditos tão ao gosto lopesco.

No *Quixote*, Cervantes vai traçando com sutil ironia uma magnífica rede crítica diretamente relacionada também com seus ideários vitais, artísticos ou literários, distantes cada vez mais dos credos de Lope. Enquanto Cervantes apoiava uma política externa espanhola baseada em laços de amizade entre as potências, tratados de paz e alianças (após sofrer as penúrias das guerras, os desteros e os cárceres estrangeiros), Lope escreve *La Dragontea* (1598) para enaltecimento da pátria e exaltação dos ânimos contra a Inglaterra²², na procura do apoio real de Felipe III, e terminará em 1608 sendo nomeado “familiar do Santo Ofício” (ministro adjunto do Tribunal da Inquisição) para depois se ordenar sacerdote, em 1614²³.

Também na ideologia se desencontraram os dois.

No entanto, como se disse, as preliminares da primeira parte do *Quixote* serão o canal perfeito para que Cervantes exponha e critique à vontade as maneiras literárias do seu

²¹ Para um maior aprofundamento no estudo da pintura na literatura do *Século de Ouro*, especialmente em Lope, pode-se consultar PORTÚS, Jesús: *Lope de Vega y las Artes Plásticas (estudio sobre las relaciones entre pintura y poesía em la España de Siglo de Oro)*. Madri: Universidad Complutense, 1992.

²² Ele esteve na derrota da Armada Invencível em 1588, fazendo parte da tripulação do galeão San Juan, parece que obrigado pelo então seu sogro (Diego de Urbina, pintor real) e não por estrita vocação militar.

²³ Era por todos sabido a quantidade de amantes oficiais e extra-oficiais do Fénix, e os muitos filhos que teve com elas.

contendor. Os conselhos do *amigo imaginário* na elaboração do Prólogo não têm desperdício; são afiadas palavras contra a instrução do Fénix, a pseudo-erudição em forma dos latinismos usados por ele (fáceis de achar ou copiar, segundo diz este amigo, inclusive de inventar com as lembranças do escasso latim aprendido na escola), dos conhecimentos que esbanjam suas peças (às vezes lugares comuns elevados a sapiência, como o famoso parágrafo do rio Tejo, com quem tanto o Fénix se identificava). Aludindo às intermináveis listas de nomes e autores compilados pelo Fénix nas suas obras, achou-se outro ácido conselho do amigo²⁴,

Vamos agora à citação dos autores que os outros livros têm, e que no vosso faltam. O remédio que isto tem é muito simples, porque não deveis fazer outra coisa que buscar um livro que tenha todos, desde a letra A até a Z, como há pouco dissestes. Pois esse mesmo alfabeto deverás pô-lo em vosso livro; mesmo que claramente se veja a mentira pela pouca necessidade que tinhas de aproveitar-te deles, pouco importa, e quiçá haverá alguém simples que acredite que aproveitaste todos na tua simples história; e quando não sirva para outra coisa, pelo menos servirá aquele longo catálogo de autores para dar de improviso autoridade ao livro. E mais, que ninguém vai se dar ao trabalho de pesquisar se os seguistes ou não, porque isso pouco lhe importará (CERVANTES, 1999, p.30).

Se achar oportuno mentir para conferir autoridade ao livro, assim seja, ninguém vai se incomodar em procurar a procedência de tais citações. Mas, sentença depois, como nenhum filósofo ou exegeta bíblico nunca falou em livros de cavalarias, o problema está resolvido, pois não se precisa fazer menção a nenhum deles.

No delicioso entremez *La guarda cuidadosa* (1611) Cervantes envia outro ferrão pela boca do personagem do Sapateiro, que após ouvir um poema, exclama: “Eu pouco entendo de trovas; mas estas me soaram tão bem, que acredito sejam de Lope, como são todas as coisas que são ou parecem boas” (CERVANTES, 1995a p.943). As coisas que *são* ou *parecem* boas, atribuídas a Lope. Certamente, o Fénix não gostaria da peça.

Não são poucos os estudiosos que acreditam na ideia de Lope magoado pelo aguçado da crítica cervantina, favorecendo e precipitando a aparição, em 1614, da segunda parte apócrifa do *Quixote*, escrita por Alonso Fernández de Avellaneda, em cujo Prólogo e corpo foram achados furibundos dardos contra Cervantes (“tem mais língua que mãos”, por exemplo) e suspeitos louvores a ele,

²⁴ Porém, o Fénix deixou escrito na sua *Dorotea* (ato IV, cena segunda, no diálogo entre Ludovico e César), que detestava esses “librotos de lugares comunes”, em referência às obras de Téxtor e outras compilações sapienciais como a *Poliantea*, de Domenico Nani Mirabellio.

[Lope] a quem tão justamente celebram as nações mais estrangeiras e a nossa deve tanto, por haver entretido honestíssima e fecundamente tantos anos os teatros da Espanha com maravilhosas e inúmeras comédias, com o rigor da arte que pede o mundo e com a segurança e limpeza que de um ministro do Santo Ofício deve se esperar²⁵ (AVELLANEDA, 1941, p.13)

Esteja Lope imiscuído ou não, essa intrusão fez com que Cervantes decidisse escrever e publicar a segunda parte do *Quixote* pouco antes de falecer, legando-nos uma nova obra de arte e um marco na história da intertextualidade que talvez não tivesse vindo à luz se não fosse pela pressa da resposta.²⁶

No Prólogo às *Ocho comedias y ocho entremeses* (1615), e sem intenção clara, Cervantes vai cunhar a fórmula que dará nome ao adversário que passará para a História, Lope, “el monstruo de la naturaleza”, talvez com certa cáustica pretensão²⁷,

Entrou depois o monstro da natureza, o grande Lope de Vega, e se elevou com a monarquia cômica; submeteu e pôs sob sua jurisdição a todos os farsantes; encheu o mundo de comédias próprias, felizes e bem arrazoadas, e tantas, que são mais de 10.000 folhas que tem escrito, e completamente, que é uma das maiores coisas que pode-se dizer (CERVANTES, 1995a, p. 26).

Um dos últimos dardos cervantinos está no Prólogo à segunda parte do *Quixote*, também de 1615. Após aparecer a continuação apócrifa carregada de comentários críticos, se não cruéis, era óbvio que a resposta cervantina não ia carecer de acidez e mordacidade,

Não tenho que perseguir a nenhum sacerdote, ainda mais se é familiar do Santo Ofício. E se ele [Avellaneda] o diz por quem parece que o diz, se enganou de tudo em tudo, que dele adoro o engenho, admiro as obras e sua ocupação contínua e virtuosa (CERVANTES, 1999, p. 380).

²⁵ Vários estudiosos, encabeçados por Martín de Riquer, divulgaram a ideia de que o autor do apócrifo fosse Jerónimo de Pasamonte, militar e escritor zaragozano, que poderia ter inspirado o personagem de Ginés de Pasamonte da primeira parte do *Quixote* (cap. XXII). Para aprofundar-se nessa hipótese, pode ser consultado o livro de Martín de Riquer: *Cervantes, Pasamonte y Avellaneda*. Barcelona: Sirmio, 1988, ou a sua revisão: *Para leer a Cervantes*, Barcelona: El Acantilado, 2003.

²⁶ Parece que Cervantes leu a versão manuscrita de Avellaneda entre 1611 e 1612. Cf. Martín Jiménez, p. 313 e seguintes.

²⁷ Para as intenções reais de Cervantes com o parágrafo, vale confrontar o *Viaje del Parnaso* VIII, vv. 94-96: “La Envidia, monstruo de la naturaleza, / maldita y carcomida, ardiendo en saña...”.

A “contínua e virtuosa” ocupação do Fénix, certamente, e segundo Cervantes, não era sua dedicação à Igreja. Podemos ver aqui que Cervantes, com o passar dos anos, é muito mais pungente nas suas críticas. Prossegue, não sem certa amargura, mas cheio de graça, o autor do *Quixote*: “O que não tenho conseguido deixar de sentir é que me acuse [o autor do apócrifo, mas no fundo, Lope] de velho e de manco, como se estivesse nas minhas mãos ter detido o tempo” (CERVANTES, 1999, p. 380).

Contudo, e já falecido Cervantes, Lope o eleva às glórias poéticas no seu *Laurel de Apolo*²⁸, como já se comentou em nota. Em 1630, cinco anos antes de morrer, o Fénix já não é aquele jovem ousado com pretensões de grandeza em cada palavra. Quase com setenta anos, ao menos sete filhos mortos e enterrados e outras tantas amadas perdidas, este Lope parece bem mais realista, outorgando a Cervantes o papel que lhe corresponde tanto como poeta, no *Laurel*, como o tomando por base na composição das *Novelas a Márcia Leonarda*, quatro peças (*Las fortunas de Diana*, *La desdicha por la honra*, *La más prudente venganza* y *Guzmán el Bravo*) dedicadas ao seu último grande amor, Marta de Nevares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças literárias e vitais entre Lope de Vega e Cervantes começaram com a circulação manuscrita do corpo (os capítulos) da primeira parte do *Quixote*, seguramente entre 1603 e 1604, onde Cervantes faz uma afiada crítica ao teatro e as comédias da época, que Lope acreditou, talvez com razão, dirigida a ele. Sentindo-se aludido, encontra-se a resposta de Lope à crítica literária cervantina no prólogo do *El peregrino en su patria* (1604) e também no desagradável comentário que fez a respeito do autor do *Quixote* na carta dirigida ao Duque de Sessa, datada de 14 de agosto de 1604. Ainda nesse ano, começa a circular por Madri um soneto, anônimo incitando Fénix a queimar suas obras. Lope, atribuindo a autoria a Cervantes, compõe uma furibunda réplica na qual não atende a razões, insultando gravemente o autor do *Quixote*. A partir daí, o Fénix e seu círculo decidem impedir qualquer atenção dispensada à obra que iria mudar o rumo da literatura universal, boicotando sua publicação impressa.

²⁸ Hijo inmortal del águila famosa, / ganó las hojas del laurel divino / al rei del Asia en la campaña undosa, / la fortuna envidiosa / hirió la mano de Miguel Cervantes; / pero su ingenio en versos de diamantes / los del plomo volvió con tanta gloria, / que por dulces, sonoros y elegantes, / dieron eternidad a su memoria: / porque se diga, que una mano herida / pudo dar a su dueño eterna vida (LOPE DE VEGA, 1824, p. 181).

Cervantes decide compor ele mesmo o Prólogo e as preliminares laudatórias ao *Quixote* de maneira satírica e burlesca, atacando as formas do Fénix, sua erudição e sua literatura, maneiras que adotará até o final de sua vida literária, nunca recuperado da afronta da injúria pública e da perseguição ao *Quixote* por parte do Fénix. Lope, por sua vez, parece ter sido objeto ativo na publicação, em 1614, da segunda parte apócrifa do *Quixote*, composta por um tal Alonso Fernández de Avellaneda, na qual Cervantes é copiosamente ofendido e Lope enaltecido. Isto é o acicate para que Cervantes termine e publique sua segunda parte do *Quixote* um ano antes de morrer, em clara resposta aos seus detratores.

Já nos seus últimos anos de vida, Lope incluirá Cervantes entre os poetas laureados da Espanha e de alguma maneira o enaltecerá como prosista na composição das suas *Novelas a Marcia Leonarda*, inspiradas nas *Novelas Exemplares* cervantinas. Como a Fortuna engana com mudanças díspares, fecham-se estas notas sobre a vida e obra desses dois literatos com um *retruécano* vital: a casa de tijolo e pedra onde viveu e morreu Lope, o ilustre Fénix, encontra-se numa das ruas mais belas e visitadas do Bairro das Letras de Madri: a Rua Cervantes. É com razão que as reviravoltas do destino não deixam ninguém indiferente.

REFERÊNCIAS

- ALBORG, Juan Luis. *Historia de la literatura española: Época barroca*. Madri: Gredos, 1974.
- AVELLANEDA, Alonso Fernández de. *Don Quijote de la Mancha*. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1941.
- ASTRANA, Luis. *Vida ejemplar y heroica de Miguel de Cervantes Saavedra*. Madri: Reus, 1948.
- BATAILLON, Marcel. *Relaciones literarias. Suma cervantina*. Londres, Támesis, 1973.
- CAMBRONERO, Verónica. Lope de Vega: un escritor *pro pane lucrando*. *Tonos, Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, n. 19, 2010.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Madri: EDAF, 1999.
- _____. *La Galatea*. Madri: Cátedra, 2006.
- _____. *Ocho comedias y ocho entremeses*. Madri: Centro de Estudios Cervantinos, 1995.
- _____. *Viaje del Parnaso*. Madri: Centro de Estudios Cervantinos, 1995.
- _____. *Adjunta al Parnaso*. Disponível em cervantes.tamu.edu. Acesso em 19/05/2013.
- CONDE, Pedro. *Invectivas latinescas. Anatomía de la “Expostulatio Spongiae” en defensa de Lope de Vega*. *Estudios de Literatura*, Castilla, n. 3, 2012.

CONDE, Pedro; GARCÍA Rodríguez, Javier. Ravisio Téxtor entre Cervantes y Lope de Vega: una hipótesis de interpretación y una coda teórica. *Tonos, Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, n.4, 2002.

FALCÃO, Maria Helena. *Miguel de Cervantes vs Lope de Vega: una pugna literária y sus alusiones en el Prólogo a Don Quijote*. Monografía, Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

GÓNGORA, Luis de. *Obras poéticas*. Nova York: Hispanic Society of America, 1970.

LOPE DE VEGA: *Arte nuevo de hacer comedias*. Madri: Castalia, 2011.

_____. *El peregrino en su patria*. Madri: Biblioteca Castro, 1997.

_____. *Isidro*. Madri: Biblioteca Castro, 2002.

_____. *Laurel de Apolo*. Madri: Cátedra, 2007.

_____. *La Arcadia*. Madri: Biblioteca Castro, 1997.

_____. *La Dorotea*. Madri: Castalia, 1968.

_____. *La Dragontea*. Madri: Biblioteca Castro, 2002.

_____. *La Hermosura de Angélica*. Madri: Biblioteca Castro, 2002.

_____. *Novelas a Marcia Leonarda*. Disponível em www.todoebook.net. Acesso em 19/05/2013.

MARTÍN, Alfonso. El manuscrito de la primera parte del Quijote y la disputa entre Cervantes y Lope de Vega. *Etiopicas: revista de letras renacentistas*, p. 255-334, 2006.

MARTÍNEZ, Luis. Poética y construcción textual en el *Quijote*. *Dicenda: cuadernos de filología hispánica*, n. 29, p. 251-263, 2011.

MÉNDEZ, Verónica. Mentir, ¿para qué?: un acercamiento a dos Novelas Ejemplares de Cervantes. *Espéculo: revista de estudios literarios*, n. 46, 2010-2011.

MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino. *Estudios cervantinos*. Buenos Aires: Del Plata, 1947.

MONTERO, José. Una amistad truncada: Sobre Lope de Vega y Cervantes. (Esbozo de una compleja relación.). *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, 39, p. 313-336, 1999.

PÉREZ, José Luis. Lope, Medinilla, Cervantes y Avellaneda. *Criticón*. 86, p. 41-71, 2002.

RUIZ, Pedro. Los repertorios latinos en la edición de textos áureos. La *Officina* poética de Ravisio Téxtor. *Actas del I Congreso Internacional de Hispanistas Siglo de Oro*, Londres: Támesis, p. 431-440, 1990.

TÓMOV, Tomás S. Cervantes y Lope de Vega. Un caso de enemistad literaria. *Actas del II Congreso Internacional de Hispanistas*. Nimega: Instituto Espanhol da Universidade de Nimega, p. 617-626, 1967.

TRAMBAIOLI, Marcella: Lope de Vega y el poder monárquico: una puesta al día. *Impossibilia*, n. 3, p. 16-36, 2012.

VOSTERS, Simon A. Lope de Vega y Juan Ravisio Téxtor: nuevos datos. *Actas del IV Congreso Internacional de Hispanistas*, v. 2, p. 785-818, 1982.